



## APRESENTAÇÃO

### CONHECENDO OS DESAFIOS DA SALA DE AULA DE PORTUGUÊS NA CHINA

No início do século XX, quando a Academia brasileira se especializava numa Linguística Estruturalista talvez fôssemos rotulados de neogramáticos modernos, como já sucedera entre Comparativistas e seus sucessores Neogramáticos. A heresia seria dizer que língua e linguagem são fatos culturais e em nada desmereceria uma pretensa exata ciência. Apesar do avanço dos estudos linguísticos no Ocidente, ainda bem pouco sabemos do revestimento gramatical de línguas isolantes e, pior ainda, em que medida conseguimos cotejar essas duas línguas para fins didático-pedagógicos num ambiente em que o português figura como língua adicional. Dois problemas suscitam desse cenário: o estatuto da língua e sua tipologia.

No que se refere ao estatuto da língua, poderíamos questionar: que língua portuguesa é essa e que língua chinesa é essa? A pergunta deixa perceber que há consciência do inquiridor sobre o fato de que o chinês é uma língua nacional da China, que é um gigante territorial, logo, um grande tecido nacional cosido por muitas línguas (ou dialetos). Na outra ponta, está o português, que, apesar de ser de um país pequenino, plantou em muitos espaços a cepa de variedades diferentes da original, justamente porque foi transplantada para um espaço que viria a ser colonizado e também acolhedor de muitas etnias e culturas. Obviamente, o grande calde-

ção cultural do chinês pode ser equiparado ao grande caldeirão do português, que é uma língua pluricêntrica.

Já, no que se refere ao estatuto tipológico, enquanto o chinês, do ponto de vista gramatical, é uma língua isolante, o português é uma língua flexiva. Para além disso, o chinês é uma língua tonal e, por isso, revestida de uma gama variável, a depender da região, de sons que colorem a semântica da correspondente língua.

A despeito dessas diferenças, o chinês e o português obviamente contam com recursos pragmáticos para compor informações intencionais de seus falantes. Para aprender a intenção do outro, será preciso um trabalho intenso e algum contato linguístico, nem que seja na sala de aula, como é o caso dos relatos apresentados nos artigos e entrevista que compõem este volume.

Os chineses estão bem à frente nessa caminhada, quando pensamos em conhecimento da língua do outro. Devido aos negócios com países de língua portuguesa, a China empenhou-se em preparar talentos em língua portuguesa. Nos últimos vinte anos, houve um aumento significativo do número de cursos de Português como Língua Adicional em mais de 50 instituições do ensino superior na China (ZHANG, 2020). Consequentemente, surgiram diversos desafios em relação a essa nova realidade, especialmente na sala de aula, onde ocorre a construção do conhecimento sobre as línguas-culturas chinesa e portuguesa, além do conhecimento sobre o mundo, por meio das interações nessas duas línguas (RUI e TEIXEIRA E SILVA, 2020). A ação reversa brasileira ou portuguesa não teria a mesma dimensão. Conhecer como os professores chineses lidam com essa realidade é um dos motivos da proposta deste volume. Há um campo enorme de atuação profissional para brasileiros, porém, apesar disso, majoritaria-

mente, vemos professores portugueses atuando na China, além dos professores bilíngues chinês-português.

Saber o que se ensina, como se ensina, como se aprende o português e quais as dificuldades e mesmo as estratégias adotadas para mediar duas culturas-línguas tão díspares é o que este volume reúne. São 7 artigos e uma entrevista que nos revelam a forma como o professor de língua portuguesa se movimenta entre os conteúdos de língua portuguesa.

Jie Zhu nos desloca para um curso de formação de tradutores que devem lidar com uma obra contemporânea chinesa. Visitando alguns embates de transposição linguística da obra *Beiyíng* para o português, no artigo *Considerações sobre o ensino e a prática da tradução literária chinês-português - um estudo de caso da obra Beiyíng e sua tradução portuguesa*, Zhu nos leva a refletir sobre a tradução literária, uma tarefa que não envolve apenas a língua em seu sentido comunicativo, posto que há um esforço autoral na obra literária para que o autor se distinga e erija ali um estilo que seja sua marca. Sendo assim, uma das tarefas mais difíceis é trazer para o português (que não é língua materna do tradutor) soluções para construções de conotação sociocultural muito distantes das suas e da língua-meta. Para demonstrar o grau de destreza dos tradutores, recorre-se a um recorte semântico-pragmático dessa narrativa, a figura do Pai, que é reconstruído a partir da percepção e criatividade do autor contemporâneo chinês Zhu Ziqing. Ao final, somos levados a refletir sobre o papel do professor nessa orientação tradutória.

Carina Jiayu Liu, ao relatar problemas de ensino e recursos didático-pedagógicos, traz à luz o texto *Estratégias na explicação gramatical do pretérito perfeito simples e do pretérito imperfeito aos aprendentes universitários chineses*. Ela seleciona um objeto gramatical razoavelmente di-

fácil para aprendentes chineses do português, o tempo verbal. Como apresenta os resultados de uma pesquisa-ação, o leitor tem a impressão de que, *pari passu*, vai se construindo a aula e o método, assim como a forma de controle dos avanços nesse aprendizado. É uma aula sobre como ensinar gramática de uma língua estrangeira a nativos do chinês. Por se tratar de uma Universidade que recebe alunos de várias partes da China, pensaríamos ser esse o problema maior. No entanto, Liu demonstra que, com o método adequado e a forma de acompanhamento de resultados bem estruturado, avanços significativos se apresentam.

Interpretação consecutiva é uma área em que faltam profissionais bem preparados e também sabemos que, nesse exercício, precisa-se de professores que dominem as duas línguas e que tenham um afinamento com o *modus operandi* que conduz a resultados de excelência. No artigo de Jing Yang, intitulado *Modelo de coensino na aula de interpretação consecutiva chinês-português cursada por alunos de graduação em PLE*, à medida que vamos lendo, vamos descortinando um processo de ensino-aprendizado muito próximo ao que chamaríamos de aula invertida. Os alunos e as duas professoras são envolvidos numa espécie de dramatização para que soluções surjam de cenas muito reais de negociação. O que está em foco é mesmo o modelo de coensino, que poderia ser aplicado até mesmo a uma disciplina que tivesse duas abordagens distintas. Como fazer com que o aluno se aproprie dessas diferenças e saiba utilizá-las a seu favor? Uma professora brasileira e outra chinesa demonstram como isso é possível e Yang relata suas observações provenientes de uma sala de aula com alunos chineses.

Qihua Lu, ao longo da *Análise de erros nas tarefas escritas por parte dos aprendentes chineses de PLE do nível intermédio: o caso do Instituto Superior de Negócios do Sul da China*, demonstra o quão relevante é

aprimorar as tarefas dos alunos de Português por meio da conscientização sobre o próprio desempenho. Quando falamos de erro num contexto de língua materna, poderíamos recorrer a um discurso há muito replicado sobre condições pós-coloniais e língua materna ou língua de casa. Aqui, o problema é outro. Os alunos são chineses aprendendo português e conhecer os erros praticados demonstrou ser proveitoso para o avanço no processo de aprendizagem e salto na compreensão sobre motivações. Lu faz isso por meio de estudo quantitativo que mapeia as condições em que a língua escrita revela efeitos diversos na comunicação de chineses aprendentes de português.

O artigo *Desenvolvimento dos multiletramentos através do currículo no ensino de Português Língua Estrangeira: um estudo de caso na China* coloca na mesa das discussões o quanto o multiletramento pode impactar positivamente o aprendizado de uma língua estrangeira. Xuejiao Shang demonstra o papel do acesso a textos multimodais e os métodos que podem ser eficientes para o ensino de português a chineses. No entanto, vai além e revela o quão decisiva é a revisão dos modelos de ensino de modo que o conteúdo, o modo de aprendizagem e a forma de avaliação beneficiem-se dessa nova proposta vincada pelo multiletramento.

Uma questão intrigante é saber como pensa e reage o aluno chinês na sala de aula de português na China. Há um mito que diz que os alunos chineses são os melhores alunos do mundo, do ponto de vista do professor, porque são silenciosos e apresentam ótimo rendimento e aproveitamento de aprendizagem. Com base nisso, Wenying Luo resolve elaborar um questionário a ser respondido por alunos chineses. O artigo *A representação do papel do professor de PLE para aprendentes universitários chineses assume o desafio de lidar com a representação social do profes-*

sor na cultura chinesa e, com isso, pôde acessar ao perfil e conduta dos alunos. De posse das respostas, fez um estudo quantitativo que revela a perspectiva dos alunos universitários chineses avaliando a relação professor-aluno e sua própria reação em algumas situações didáticas ligadas ao português como língua estrangeira.

Um último texto parte das ideias da linguista brasileira Maria Helena de Moura Neves, que tão bem descreveu construções contrafactuais do português do Brasil. Jing Li demonstra-se insatisfeita com o erro frequente de alunos chineses nesse tema e parte para um procedimento metodológico de entender o uso e, de lá, propor soluções que alcançassem a percepção chinesa de construções plasmadas no *mundo irrealis* da linguagem. Para redigir o artigo *Análise contrastiva das construções condicionais contrafactuais ou irrealis em português e em chinês: o caso da universidade de estudos internacionais de Zhejiang*, Li, inconformada com a falta de um ensino mais verticalizado de um tema tão complicado nesse contexto intercultural, resolve compartilhar com os leitores um modo intercultural de ensino. Embora a intenção exista em ambas as línguas, no chinês essa representação se faz no nível do léxico e no português, no nível gramatical. Essa diferença fez com que Li tivesse a ideia de fazer um inquérito que permitisse desenhar as reais dificuldades de chineses e, depois, realizasse um trabalho de classificar e analisar os erros nessas circunstâncias de uso. Com base nos resultados, conseguiu propor um método didático que rompe com o fracasso do processo de aprendizagem dessas construções.

A entrevista que abre este volume especial é com o professor doutor Roberval Teixeira e Silva, realizada por Xiang Zhang, um dos seus discípulos, com o objetivo de refletir sobre as mudanças e novas perspectivas relativas ao ensino-aprendizagem do português na China, com base em sua vasta experiência pedagógica de quase vinte anos nesse espaço



asiático. Como um dos principais pesquisadores do ensino-aprendizagem do português na China, ele concentra-se principalmente na interação em sala de aula, adotando uma abordagem sociointeracional do discurso. Isso tem contribuído para a construção do conhecimento da língua portuguesa pelos alunos chineses, além de orientar a prática didática dos jovens professores chineses dedicados a essa área.

Esperamos que este volume especial possa proporcionar aos leitores brasileiros, bem como a outros interessados no tema, uma visão mais atualizada sobre o ensino-aprendizagem do português na China e sobre os desafios enfrentados nesse novo contexto. Além disso, espera-se que possa inspirar mais ações e investigações que impulsionem o desenvolvimento do ensino-aprendizagem do português na China, assim como a interação entre a China e os países de língua portuguesa nos âmbitos econômico, político e cultural<sup>1</sup>.

Prof. Dr. Xiang ZHANG<sup>2</sup>

Universidade Politécnica de Macau - China

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Célia LIMA-HERNANDES<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo - Brasil

- 
- 1 ZHANG, Xiang. Português Língua Estrangeira (PLE) na China: Reflexões teóricas e práticas sobre o lugar da gramática no ensino-aprendizagem da língua portuguesa. *Revista ProLíngua*, v. 15, n.1, 2020.  
RUI, Mengqing; TEIXEIRA E SILVA, Roberval. A tradução pedagógica em interações de sala de aula de português em Macau, China: recursos para o multilinguismo. *Revista Diadorim*, v. 22, n. 1, 2020.
  - 2 Doutor em Letras (Filologia e Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP) e professor assistente da Faculdade de Línguas e Tradução da Universidade Politécnica de Macau, China. Endereço eletrônico: <zhangxiang@mpu.edu.mo>, <<https://orcid.org/0000-0001-8576-7283>>.
  - 3 Professora Titular da Universidade de São Paulo (USP), Grupo de Pesquisa Linguagem e Cognição (LinC), Pesquisadora CNPq. Endereço eletrônico: <mceliah@usp.br>, <<https://orcid.org/0000-0003-2009-3606>>.